

Dívida cambial cai pela metade

O governo deve terminar o ano com sua dívida atrelada ao câmbio reduzida a menos da metade do registrado em 2003. “Devemos fechar o ano com essa parcela da dívida correspondendo a 10% ou 11% do estoque total dos débitos” previu ontem o chefe do Departamento de Operações do Mercado Aberto (Demab) do Banco Central, Sérgio Goldenstein. Em dezembro de 2003, a dívida cambial correspondia a 22,06% do estoque de débitos criados por meio da emissão de títulos públicos. A queda é um indicador importante, em termos de administração da dívida pelo Tesouro Nacional. Os compromissos cambiais são um dos indicadores mais avaliados pelas agências que fazem a classificação de risco para investimentos em países.

A dívida mobiliária federal, porém, registrou elevação, de 0,67%, passando de R\$ 771,3 bilhões em setembro para R\$ 776,5 bilhões em outubro, em razão da correção da taxa de juros no mês. “Praticamente todos os indicadores ficaram estáveis”, disse o coordenador de Operações da Dívida Pública do Tesouro, Ronnie Tavares.

O destaque do mês foi a redução da dívida cambial, que passou de 12,32% para 11,24% do estoque, batendo um novo recorde. O percentual registrado é o menor verificado desde 1999 quando foram iniciados os levantamentos estatísticos sobre o comportamento da dívida mobiliária federal. Essa parcela da dívida

corresponde a R\$ 87,26 bilhões. Em dezembro de 2003, os débitos atrelados à variação do dólar somavam R\$ 161,39 bilhões.

Estratégia

Essa queda brusca do endividamento público indexado ao câmbio reflete a estratégia adotada pelo governo de não emitir novos papéis deste tipo e evitar a renovação de mecanismos de proteção às variações cambiais, os chamados contratos de *swap*, amplamente ofertados pelo BC em 2002. O Tesouro não emitiu

este ano nenhum título com correção atrelada ao dólar. E o BC, por sua vez, renovou apenas 4,3% dos instrumentos cambiais que venceram entre janeiro e novembro. “Já resgatamos US\$ 28,2 bilhões dessa dívida”, explicou Goldenstein.

A melhora do cenário econômico também contribuiu para este resultado. “A demanda por *hedge* (proteção) continua fraca. Há uma baixa volatilidade da taxa de câmbio e o mercado não vislumbra nenhuma pressão no curto e médio prazos”, explicou Goldenstein. Com um cenário mais tranquilo,

as empresas também aproveitaram o ano para reduzir suas dívidas externas, o que também favoreceu ao governo.

Aos poucos o Tesouro tem conseguido cumprir boa parte das metas traçadas para administração da dívida pública este ano. Os títulos prefixados correspondem atualmente a 17,41% do estoque da dívida, dentro do intervalo traçado para 2004. No caso dos pa-

péis com correção pós-fixada, eles representam hoje 54,15% da dívida, também dentro da margem estabelecida.

Prefixados

Mas o aumento dos prefixados — títulos que tradicionalmente são de prazo mais curto — tem

prejudicado um outro indicador importante. Dos R\$ 776,5 bilhões em débitos mobiliários, 45,9% vencerão nos próximos 12 meses. O percentual é considerado elevado, apesar de ser menor que os 46,69% de setembro. Os técnicos do Tesouro acreditam que, ao longo dos próximos

meses, terão condições de aumentar, gradativamente, o prazo dos títulos prefixados, reduzindo assim essa concentração de vencimentos de curto prazo. Pela estratégia programada para 2004, estes vencimentos não poderiam ultrapassar a 35% do total da dívida, ao final do ano.



**DEVEMOS
FECHAR O ANO
COM ESSA
PARCELA DA
DÍVIDA
CORRESPONDEN
DO A 10% OU
11% DO
ESTOQUE TOTAL
DOS DÉBITOS**



Sérgio Goldenstein, chefe do Departamento de Operações do Mercado Aberto (Demab) do Banco Central